

## Resenhas

### Crítica monumental

Rodrigo Bentes Monteiro\*

BOUREAU, Alain. *Histoires d'un Historien Kantorowicz*, Paris, Gallimard, 1990, 174 pp.

Na Biblioteca da Pós-graduação em História, Antropologia e Ciência Política da UFF, encontra-se um livro pouco conhecido do público brasileiro, mas que trata de autor de inegável influência nas historiografias medieval e moderna, bem como na ciência política. Alain Boureau, historiador francês especializado nas concepções de poder no Antigo Regime, pretende neste ensaio desfazer o “monumento” Ernst Kantorowicz, autor de dois livros clássicos: a biografia do imperador Frederico II, publicação original alemã de 1927, e o célebre *Os Dois Corpos do Rei*, publicado primeiramente em inglês, em Princeton, 1957, com edição brasileira de 1998.

Boureau parte da perspectiva de que a produção intelectual de Ernst Hartwig Kantorowicz (1895-1963) se confunde com sua própria vida. A princípio, pode-se pensar que o ensaio consiste em mero exercício biográfico, ao serem relatados episódios concernentes ao nascimento de Ernst na Posnânia – terra de origem polonesa, que passou ao domínio da Prússia em 1793, depois ao *II Reich* – como filho de família judia ligada à produção e ao comércio de licores e espirituais. Sua participação na guerra entre 1914 e 1919 também é descrita. Após ser ferido em 1916, o jovem Ernst participa de missões na Ucrânia e na Turquia. No retorno à Alemanha, estuda economia em Munique e

---

\* Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. E-mail: rodbentes@openlink.com.br

Tempo, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 201-205

ingressa no círculo literário do poeta Stefan George, conhecido por seu culto ao Belo e pelo desejo de uma Alemanha renovada, na miríade de movimentos direitistas que assolavam a frágil República de Weimar. Neste âmbito, Kantorowicz escreve a biografia de Frederico II, após visitar o túmulo do imperador em Palermo, sul da Itália. O sucesso do livro garantiu sua entrada na Universidade de Frankfurt, em 1930, mas sua condição judia impõe-lhe crescentes obstáculos, ante a ascensão do nazismo e a fundação do *III Reich*.

Desta forma, Kantorowicz migra definitivamente, em 1939, para os Estados Unidos, instalando-se na Universidade de Berkeley, Califórnia. Destaca-se por sua recusa em prestar sermão de juramento contra os comunistas, em 1949, em pleno macartismo norte-americano. Em 1951, atravessa o país e vai para Princeton, onde lidera um círculo fechado de discípulos, entre eles Ralph Giesey, autor de livro escrito na mesma época que *The King's Two Bodies*. Após sua morte, alguns de seus estudos são selecionados e publicados.

Entra-se, assim, na era "monumento E. K.", que atinge seu ápice nos anos oitenta, quando o argumento central de *Os Dois Corpos...* (segundo os juristas Tudor, o rei teria um segundo corpo, isento de paixões e morte...) passa a ser utilizado em diversos estudos acerca do poder e do Estado, das diferentes monarquias do Antigo Regime até a presidência dos Estados Unidos da América. Em 1987, a publicação, em francês, do livro de Giesey, sobre os rituais funerários dos reis franceses, com o pomposo título *Le Roi ne Meurt Jamais* (materialização cerimonial da teoria dos dois corpos, pela reverência prestada às efígies régias), reforça o culto ao historiador germano-polonês.

Entretanto, o livro de Alain Boureau significa mais que simples biografia, ao constituir uma aula de sensibilidade e argúcia interpretativa, exemplo de estudo historiográfico que considera aspectos pertinentes à individualidade humana. Boureau rejeita o jogo vicioso de causalidades, que poderia conceber o homem-historiador Kantorowicz como mero representante de um conjunto de circunstâncias: a infância desprestigiada pela origem eslava e pela atividade familiar ligada ao álcool, a negação da condição judia e polonesa pela participação na guerra e a adesão ao círculo reacionário de George.

Este quadro comporia um perfil de personalidade frustrada, com desdobramentos políticos e intelectuais. A identificação a um Estado forte seria expressa, em princípio, mediante o estudo do poder excepcional e carismático do imperador germânico no século XIII, o que compensava o caos político vivido na Alemanha de Weimar. Depois, pelas teorias jurídicas, com nítida inspiração teológica, que respaldaram o poder de Elizabete I na Inglaterra, e pelas idéias políticas estudadas na América, após a migração forçada de Kantorowicz pelo nazismo. Tratava-se, então, de esmiuçar e explicar a origem do poder, construído através do mito e da ficção, após ter-se encantado com ele, à época de Frederico Hohenstaufen, príncipe da Renascença antes do tempo. Uma espécie de exorcismo acadêmico, que transformava a carga emocional de afeto em processo de linguagem, mediante análise crítica dos mecanismos de poder.

Sem rejeitar estas ilações, Boureau relativiza o possível sofrimento vivido por Ernst Kantorowicz, na infância e na

juventude, pelo anti-semitismo, em um contexto onde falava mais alto a crescente germanização que atingia a Posnânia, desde a primeira metade do século XIX. Sair para a guerra, assim, significava deixar a família e associar-se à Pátria, a este segundo “pai” (o pai de Ernst morre em 1919): o Estado alemão modernizador e progressista, distante dos confins eslavos atrasados. A comunidade judaica tendia a partilhar deste ideal germanizador. Não por acaso, Kantorowicz estuda economia após a derrota na guerra, como contributo possível ao reerguimento alemão.

Surgem então o poeta Stefan George e seus discípulos, grupo que se caracteriza por um perfil mais esotérico que político. Carente de mitos, a Alemanha de Weimar consagra a biografia feita por Kantorowicz como sucesso editorial, dez mil exemplares vendidos em alguns anos. Mas o livro também recebe críticas: acusam o autor de ser fabricante de heróis, pois as ações do imperador não seriam tão grandiosas e espetaculares, quando situadas no devido contexto. Kantorowicz responde às críticas de forma brilhante: os mitos não são envelopes banais e retóricos da realidade, mas objetos históricos com causalidade própria. A resposta tem a aprovação de Boureau, para quem a idéia de uma história construída pela linguagem, ao lado das estruturas da realidade, não fez ainda seu caminho na atual historiografia, dividida entre o estudo do “real” e a análise das imagens. Mas esta dicotomia aparece na própria ação intelectual de Kantorowicz: criticado, só então adentra os arquivos para pesquisar e compor um segundo volume de notas e citações, publicado em 1931. Boureau observa que, neste caso, o resultado apareceu antes da experimentação. Doravan-

te, a erudição e as citações seriam as principais marcas do historiador alemão, especialista na decifração de pequenas fontes e avesso ao debate.

Contudo, previsivelmente, a biografia de Frederico II seria admirada por Hitler e Mussolini; nos EUA, o próprio Kantorowicz inviabilizaria nova publicação da obra em alemão, temeroso do papel dos mitos na formação de um nacionalismo perigoso. Este episódio, bem como a recusa ao juramento anticomunista em Berkeley, podem ser vistos como sinais de uma conversão de Kantorowicz a um “humanismo” mais universal, expresso, por exemplo, no último capítulo de *Os Dois Corpos...*, consagrado a Dante e à idéia de uma realeza antropocêntrica.

Mas a interpretação de Boureau adquire maior brilho ao relacionar aspectos da personalidade pública de Ernst Kantorowicz aos seus estudos. O ensaio é dividido em capítulos não lineares, que trabalham metáforas inspiradas em *Os Dois Corpos do Rei*. Deste modo, “Corps caché” aborda principalmente a grande Alemanha escondida na República de Weimar; “Incorporation” trata da guerra e da perspectiva de se “morrer pela Pátria”, mediante ligações entre os símbolos do pai físico abandonado – a família – e este segundo pai, a pátria do Estado alemão; “Corps perdu”, por conseguinte, estuda a história da Posnânia como terra natal e a opção de Kantorowicz em sair de uma comunidade orgânica e fechada – o mundo degenerado dos confins eslavos – para entrar em uma organização exterior e aberta, o Estado libertador e capaz de combater os arcaísmos sociais; por sua vez, “Corps étranger” analisa o ambiente norte-americano e as concepções elitistas de Kantorowicz, no referente ao saber uni-

versitário e ao seu círculo restrito de alunos; por fim “Double corps” enfrenta o tema da sua produção acadêmica, aproximando o homem dos seus livros.

De discípulo a mestre. Historiador de muitos elogios e honras, membro de várias instituições, Kantorowicz formou, no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, um seleto grupo de amigos e orientandos, que se reuniam em seminários na sua casa. Retomava, assim, o papel desempenhado por Stefan George, em Heidelberg. Após análise minuciosa do conteúdo e do plano de *Os Dois Corpos do Rei*, Alain Boureau associa o percurso biográfico de Kantorowicz a uma obsessão pelo duplo pertencimento ontológico: o físico/natal e o místico/político.

Em relação ao subtítulo do livro, que inclui o termo “teologia política”, Boureau encaminha duas explicações. A primeira, mais evidente, associada às idéias de Weber e ao desencantamento do mundo. Mas Kantorowicz inverte esta perspectiva, ao contar a história do nascimento do Estado Moderno, enfatizando a sua inspiração teológica e medieval, diferente da análise usual que endossa a laicização do poder nos Estados, em contraposição à esfera eclesial. Seu estudo do poder carismático pelo exemplo de Frederico II também difere da teoria weberiana, ao concebê-lo como um caso excepcional e não instituído dinasticamente, como o fez, por exemplo, Marc Bloch.

A segunda explicação, mais complexa e provocante, enfrenta a hipótese da existência de certa nostalgia do Estado autoritário, presente em *Os Dois Corpos...* A noção de teologia política, inventada em 1922 pelo jurista alemão, simpatizante do nazismo, Carl Schmitt, guardaria semelhanças com as idéias do historiador.

Em outras palavras, trata-se de saber se a orientação reacionária de Kantorowicz durante a República de Weimar se cristalizou em sua prática profissional. Segundo Alain Boureau, apesar do exílio e de Berkeley, Kantorowicz permaneceu um adorador do Estado forte, filho eterno do Pai prussiano. Neste sentido, as novas vestes da análise fria da linguagem de Kantorowicz em *Os Dois Corpos...*, diferentes do deslumbramento pelo poder na biografia de Frederico II, seriam um disfarce para demônios interiores, não de todo exorcizados. Mais uma vez, a diferença em relação à trajetória de Marc Bloch (também de origem judia). Após 1924, ao publicar *Os Reis Taumaturgos*, o historiador dos *Annales* não estudou mais os chefes e os soberanos.

Portanto, para Alain Boureau, a história constituía, para este “patriota apátrida” Kantorowicz, o meio e o recurso para se inventar uma história verdadeira, legitimada por histórias passadas e suas contemporâneas. A mistura da obsessão singular – capaz de transformar detalhes despercebidos em aspectos importantes – e de objetividade erudita, faria a grandeza e a peculiaridade da obra de Kantorowicz, ao comunicar aos seus leitores uma paixão pelo sentido, sentido capaz de construir narrativas de um imperador herói, cortesãos entusiastas, juristas mirabolantes e reis divinizados.

Por meio de uma erudição também especial, que conjuga trechos de romances, biografias de parentes e contemporâneos, teoria política, psicanálise e, obviamente, muita história, Alain Boureau analisa as histórias deste historiador, o último dos gibelinos. Tudo isto é colocado a serviço de uma crítica contundente, que assusta por sua ferocidade, principal-

mente ao pensar-se no título irônico de seu outro livro, também preocupado em destruir o modelo em questão: *Le Simple Corps du Roi: l'impossible sacralité des souverains français, XV-XVIII siècle*. Simple corpo, impossível sacralidade... A erudição e a virulência da crítica são pro-

porcionais ao impacto obtido pela obra do historiador-monumento. Pelo que as palavras finais de Boureau, ao citar Borges, lhe caem tão bem, embora as tenha escrito para o seu objeto Kantorowicz: "A erudição é a forma moderna do fantástico."